

# prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NÚMERO 3 - MARÇO 2016



## À Margem

Jennifer Simpson dos Santos (12)

Felipe Loureiro (14,15)

Eber Quiñonez (16)

## Projeto

Pedro Góis (11)

## Socionet

Virgínia Ferreira (18)

## No Terreno

Ingrydy Schaefer (5)

Ana Castro Sánchez (7)

## Encontro

Tiago Ribeiro (21)

Pedro Almeida Martins (22)

Janina Suárez-Pinzón (23)

Tiago Magueta (6)

## Ganhar a Vida

Joana Zózimo (20)

## Ensaio

Paulo Jorge Pires Vargues (3)

Alberto Kapitango Nguluve (9)

Marcelo Pereira (17)

João Aldeia (19)

## Vaivém

Okan Baldil (4)

Andresa de Oliveira Smith (10)

# EDITORIAL

## Será que a *prisma.soc* dança?

Aqui está de novo! *prisma.soc* número três concretiza a promessa inicial de dar conta da Sociologia que se faz em Coimbra. Da Sociologia que marca uma atitude perante o social e o político, o quotidiano e o vivido, feita a partir de um contexto académico plural. Cumpre também o seu desígnio de ser escrita, na sua quase totalidade, por estudantes. Dessa escrita resultam as rúbricas *À Margem* que falam de imagens, ou são imagens e representações da vida; surgem também as que, chamadas *Ensaio*, são recortes de possíveis investigações ou manifestas inquietações teóricas e metodológicas; *No Terreno* estão relatos de escolhas e envolvimentos pessoais com inevitáveis prolongamentos académicos; em *Projeto* relatam-se compromissos pendentes que aspiram a *Encontros*, trocas e diálogos de que a *Socionet* é apenas uma possibilidade.

É vigorosa e diversa esta escrita da *prisma.soc*. Mesmo sem falar de si. A escrita sociológica nunca fala de si enquanto ação cultural e ato criativo de produção. Essa é uma prática corrente nas humanidades e na teoria literária, mas não na Sociologia. A escrita sociológica vê-se a si própria, no sentido literal e cultural, como *meio* de fazer Sociologia, não como *objeto* em si. Parece que não se escreve essa escrita sociológica. Apenas se lê. Por isso se lê tanto... quando se começa a escrever... É daí que advêm a imaginação e o sonho que marcam a escrita em si.

Gaston Bachelard já nos avisara em *A Poética do Devaneio (La Poétique de la Rêverie)* que o sonho e o devaneio têm origem na folha em branco à nossa frente. É ela que desafia e aguça a nossa imaginação. Começa então a dança das palavras, dos conceitos, das ideias e dos seus encadeados sociológicos. Porém, dizia Bachelard, é a caneta que baila sobre o espaço vazio da folha em branco. Tanto tempo depois, talvez se dance hoje mais, muito mais, com o computador. O ritmo da escrita acelera vertiginosamente e suspeito que, em resultado, se tenha passado a ler menos...

Também não sei com quem dançam ou sonham os/as estudantes - todos eles e elas, não só quem faz a *prisma.soc* - quando se põem a escrever. Talvez as regras da escrita académica e da autoridade universitária que lhes subjaz lhes possam tolher os movimentos e a imaginação e não osem dançar com o *laptop* e menos ainda com a folha em branco. Perde-se desse modo, irremediavelmente, *o prazer do texto* que, como Roland Barthes sublinhou, é corporal, mental e sensorial de uma só vez.

A *prisma.soc*, como se verá já de seguida, convida à escrita criativa. Feita de corpo e alma, de experiências racionalizadas e de sensações, de testemunhos emotivos e paixões. A Sociologia que dela brota é, por isso, nova e inspiradora, enquanto *objeto* e *meio* ao mesmo tempo. Avance, venha dançar com a *prisma.soc* ! ■

### Comissão Editorial

Doutorandas/os em Sociologia:

**Ingrdy Schaefer**  
**Janina Suárez-Pinzón**  
**Marcelo Pereira**  
**Rodrigo Santana**

Professores de Sociologia:

**Pedro Hespanha**  
**Carlos Fortuna**  
**Sílvia Ferreira**

NES/AAC: **Tiago Magueta**

Grafismo e foto de capa: Jenniffer Simpson

Faculdade  
de Economia  
Universidade  
de Coimbra

**FECUC**

# A literacia, a precariedade e a cidadania no novo capitalismo

**Paulo Jorge Pires Vargues**

Doutorando em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

O presente ensaio procura dar um contributo para a reflexão sobre a centralidade da literacia face à questão da empregabilidade, num capitalismo caracterizado pela precariedade e desregulação, acompanhadas de uma extrema flexibilidade do mercado de trabalho.

## A empregabilidade e a literacia num contexto de precariedade

A atual fase do capitalismo, retratado por Boltanski e Chiapello (1999) privilegia a autonomia, a criatividade, a polivalência, a flexibilidade, o trabalho por projecto e em rede, a realização pessoal e o autocontrolo. Todavia este denominado Novo Capitalismo implica novas e intensas formas de exploração.

Assim, as pessoas passam, cada vez mais, a estar dependentes dos seus recursos e sagacidade, esperando-se das mesmas que encontrem soluções individuais para problemas que foram socialmente gerados. Essas soluções passariam pelo uso e aperfeiçoamento das suas habilidades e capacidades (Bauman; 2013: 26).

Com efeito assiste-se a um processo de precariedade resultante da crença de que os países deviam incrementar a flexibilidade do seu mercado de trabalho, o que implicou uma “agenda para transferir os riscos e a insegurança para o lado dos trabalhadores” (Standing; 2014: 19). Se definirmos empregabilidade como a capacidade para um trabalhador encontrar um emprego correspondente às suas competências e às necessidades do mercado de trabalho, esta está dependente da formação adquirida e da capacidade de resposta do mercado à absorção de novas competências. A taxa de iliteracia portuguesa é a mais alta da Europa, podendo tal ser interpretado como sendo os portugueses aqueles que têm menor cultura geral e os que mais dificuldades apresentam a interpretar o significado de uma frase ou em ler um simples gráfico. A iliteracia é agravada por fatores como as condições sociais herdadas e as aprendizagens informais decorrentes de experiências de vida fora do contexto escolar, com relevo para os contextos profissional e doméstico, associativo, dos consumos ou dos lazeres. Todavia a reduzida escolarização média da população acaba por ser o

fator preponderante que conduz à iliteracia. O profundo atraso estrutural no que diz respeito à literacia ganha particular dimensão em Portugal se se tiver em consideração os recursos escolares disponíveis nos meios sociais de origem da população portuguesa. A literacia não se limita a uma mera compreensão e descodificação de textos, implicando um conjunto de capacidades de processamento de informação necessárias para as tarefas quotidianas relacionadas com o trabalho, vida pessoal e contextos sociais (Benavente *et al.*; 1996).

## Considerações finais

No que concerne aos índices de literacia, Portugal apresenta dados que o colocam na cauda dos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Com efeito, a escola não foi eficaz na superação da iliteracia da população portuguesa, devido, entre outros motivos, ao facto de frequentemente não ter condições de funcionamento adequadas, nem sempre adotar as melhores estratégias pedagógicas, assim como ter dificuldade em estabelecer ligações com contextos sociais envolventes, nomeadamente no caso de meios sociais mais desfavorecidos (Ávila, 2008).

A televisão, recebida em todo o país desde a década de 1960 é, segundo António Barreto (2000: 72), o último e mais potente unificador cultural do país, substituindo a escola nesse papel. O Estudo Nacional de Literacia, coordenado por Ana Benavente, e realizado nos anos de 1994 e 1995, confirmava o papel da televisão como contraponto aos hábitos de leitura dos portugueses, salientando que aqueles que mais consomem a televisão são os que têm menos escolaridade.

Poder-se-ia afirmar que a televisão constituiria um importante veículo de literacia. Porém, entre 1957 (ano do seu aparecimento em Portugal) e 1974, foi submetida a uma forte censura e padeceu de uma orientação ideológica autoritária do Estado Novo, fortemente discriminatória em termos sociais, em tudo contrária aos valores de uma sociedade democrática, nomeadamente no livre acesso à cultura por todos os cidadãos. Por outro lado, o aparecimento dos canais privados de televisão em 1992 (SIC) e 1993 (TVI), pressionou os canais em sinal

aberto no sentido de uma programação que privilegia o entretenimento em detrimento da informação e formação, relegadas para a televisão paga por via cabo ou para os canais acessíveis por satélite. Na verdade, podemos falar de um retrocesso democrático no acesso à informação e formação, pois o mesmo se encontra, de certa maneira, limitado a quem tem acesso a uma televisão mais onerosa.

#### Referências bibliográficas

ÁVILA, Patrícia (2008) *A Literacia dos Adultos: Competências-Chave na Sociedade do Conhecimento*. Lisboa: Celta Editora.

BAUMAN, Zygmunt (2013) *Danos Colaterais. Desigualdades Sociais numa Era Global*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

BARRETO, António; PRETO, Clara Valadas; ROSA, Maria João Valente; LOBO, Marina Costa (2000) *A Situação Social em Portugal (1960-1999) – Volume II: Indicadores sociais em Portugal e na União Europeia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

BENAVENTE, Ana; ROSA, Alexandre; COSTA, António Firmino da; ÁVILA, Patrícia (1996) *A Literacia em Portugal: Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Conselho Nacional de Educação.

BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève (1999) *Le Nouvel Esprit du Capitalisme*. Paris: Gallimard.

STANDING, Guy (2014) *O Precariado. A Nova Classe Perigosa*. Barcelona: Presença. ■

## VAIVÉM

### On my doctoral journey in Coimbra University

**Okan Baldil**

Doutorando em Sociologia

When I was informed that I got admitted to the PHD program in Sociology, I was walking on the air, inasmuch as I thought I would now finally have the opportunity to realize my academic dreams and goals. Now, it was high time for me to begin the full academic life in one of the most reputable universities of Portugal. I was told by the coordinator of our PHD program that the courses would be taught in Portuguese, so this was a new and a real target for me for the beginning. Firstly, I sought out a language training course for the new Portuguese life in Coimbra. I and my wife took a language course for 45 days in a Brazilian Culture Association in our country, Turkey. I found out that Portuguese had many similar usages as in English. When we arrived at Portugal, we went directly to FEUC campus. The teaching and administrative staff at FEUC was very helpful with every step in the beginning of doctoral processes and the communication in English was not a big problem for me as almost every administrative person or academic in the faculty knew English. However, the lecturing language in many courses is in Portuguese and there is still something that is challenging for me in the doctoral lecturing system. I was and am now having many difficulties in the academic language in Portuguese, because, the speed of speech in courses may be sometimes above my audial experiences and capabilities. I am taking some language courses in the Faculty of Letters, but I have difficulty in grasping the spoken language due to the use of daily expressions and different accents of Portuguese and

Brazilian people. Anyway, I think I will overcome these handicaps and succeed at the end of the second term. I know that there are some language courses which are free for PHD or Erasmus students, however the general annual course or intensive courses could/should be free for students, or the students could/should be provided with scholarships for language training courses. If we, as FEUC, set our sights on becoming a global faculty, we should understand each other better in many aspects from linguistic to cultural, from financial to academic ones...

As for the doctoral issues, the intellectual atmosphere in FEUC Sociology Doctorate Program and the coverage of the research themes and the academic activities are apt at preparing a would-be researcher for the future, however we can generate various academic studies by attracting more people with various interests and can widen the horizon of our faculty. We can and should host more international scholars and get many different perspectives from conferences and be more intercultural. The cosmopolitan profile in our classes provides us with intercultural insights and knowledge. Our professors are very enthusiastic in directing and teaching us, thus we are motivated by this in our pursue for the best educational experience.

The elaborately-organized systems of FEUC provide us with many educational and research-related opportunities and we are able to have the key to enter into many dimensions of academic life. However, FEUC also needs to make investments in the language services in the website so that the prospective researchers or student can get enough information about the facilities of FEUC and be attracted. I believe that FEUC will improve many services and opportunities concerning language and academic services, thereby creating a research gate for the entrance of every culture and nationality into the research and education services of the faculty. ■

## “Entre saias justas e jogos de cintura”: desafios de uma pesquisa entre os muros de uma prisão

**Ingrydy Schaefer Pereira**  
Doutoranda em Sociologia

A escolha do título para este breve relato de campo não foi fortuita. Em primeiro lugar, o escolhi, pois ele nos traz à memória a obra de Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (2006) em que são explicitados os “obstáculos” advindos da pesquisa etnográfica e descritos nos diários de campo, isto é, as surpresas, os contra-tempos, as angústias, enfim, as dificuldades que, segundo as autoras, exigem daqueles que pesquisam uma boa “cintura” para que possam ser dribladas. Em segundo lugar, ele elucida os percursos da minha caminhada entre os muros de uma instituição de privação de liberdade para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas por terem cometido algum delito. Aqui, pontuo que as “saias justas e jogos de cintura” advindos do fazer etnográfico, não se deram apenas pelo fato de ser mulher e estar pesquisando sexualidade entre adolescentes presos, mas também, por ter que saber lidar com os perigos de um campo que é “minado”, tendo a cautela de “saber entrar e saber sair” deste campo.

Pesquisar sobre a sexualidade de adolescentes dentro de uma instituição de privação de liberdade não foi tarefa fácil, sobretudo pelas diferenças existentes entre a pesquisadora e os seus pesquisados. Diferenças estas marcadas pelo gênero, pela idade, pela classe social e pela história pessoal. Eu, uma mulher, de roupas limpas e engomadas, pretendendo iniciar uma pesquisa no âmbito de um curso de pós-graduação e, acima de tudo, tinha garantido o direito de ir e vir. Eles, homens, de baixa escolaridade e privados de sua liberdade, vestiam um uniforme azul como todos os outros que ali estavam presos.

A minha inserção no trabalho de campo tornou-se conflituosa em certas ocasiões por ser mulher. Fui limitada a circular pela Instituição, e quando o fizesse, deveria estar acompanhada por guardas e vestida com um jaleco para esconder meu corpo dos “possíveis olhares” dos adolescentes. À medida que fui apresentando o objetivo de minha pesquisa na instituição, fui também me deparando com distintas percepções sobre ela, que vinham sempre acompanhadas de um “alerta” para situações que poderiam me deixar vulnerável.

Assim, na visão dos guardas, o fato de uma moça que não trabalhava na instituição, se propor a falar de sexualidade com adolescentes cujos hormônios estavam “à flor da pele”, poderia gerar situações desconfortáveis e até mesmo perigosas, colocando

sua integridade em jogo. Por isso, cabia a eles, zelar por sua segurança. Para os demais profissionais, como por exemplo, assistentes sociais, psicólogos e pedagogos tratava-se de uma pesquisa que requeria coragem mas era necessária, uma vez que contemplava um eixo importante do projeto socioeducativo. Para a direção, pesquisar sobre sexualidade era necessário, mas deveria ser feito com cautela, uma vez que, segundo ela, há muitos exageros nas falas dos internos. Para os adolescentes e seus familiares, especialmente suas companheiras, era uma maneira de poder falar e reivindicar os seus direitos, servindo a pesquisadora também, como porta-voz para conseguir alguns benefícios como, por exemplo, o direito a visita íntima e/ou a distribuição de preservativos para os internos nas Alas.

Para chegar ao objetivo que me levava a estar entre os muros de uma prisão, precisei estabelecer vínculos e ganhar a confiança dos sujeitos que estava a pesquisar. Isso engendrou uma série de conversas que me possibilitaram o conhecimento das suas histórias e trajetórias antes do aprisionamento, dos seus pensamentos durante o processo de clausura, bem como das expectativas para o retorno ao convívio na sociedade. Em tais narrativas torno-me ouvinte, principalmente, das experiências dos internos relativas ao crime, que estavam associadas à representação de uma imagem de indivíduos sagazes e destemidos em relação às práticas criminosas; afirmando, assim, a sua masculinidade viril diante da pesquisadora mulher.

Dessa maneira, passo a ter conhecimento de certos crimes ocorridos na cidade, do seu funcionamento e até mesmo dos nomes das lideranças da facção criminosa local da qual os adolescentes faziam parte, o que me tornou vulnerável uma vez que esse conhecimento poderia comprometer a minha integridade física dentro e/ou fora da prisão. Por isso, esquivo-me dessas informações que poderiam me comprometer e, principalmente, poderiam comprometer os laços de confiabilidade que aos poucos estavam se estabelecendo entre nós.

Sabendo que a possibilidade de eu conseguir as informações que desejava para o desenvolvimento de minha pesquisa estava relacionada também com a impressão que eu causaria aos meus interlocutores, a minha posição naquele momento foi apenas reintegrar que o objetivo de minha pesquisa com eles era saber de suas vidas intramuros, principal-

mente no tocante à sexualidade, e que não estava a querer saber de suas condutas ilegais antes da internação, por mais interessantes que estas me pareciam ser.

Essas informações obtidas através das conversas com os adolescentes suscitaram outra questão que teria que lidar em meu campo: as inverdades nos discursos dos meus interlocutores. O que era verdade ou mentira em seus discursos? Deveria buscar apenas a verdade em suas falas? Como trabalhar com dados que poderiam ser falsos? Diante da possibilidade de omissões, dissimulações e inverdades nos discursos dos meus interlocutores, busco me ater a pensar que meu papel ali, não era o de decifrar a veracidade das informações colhidas, mas analisar as falas dos sujeitos, as suas percepções e ainda, conforme aconselhou Zaluar (2009), buscar ser aceita como parceira de conversações para reconstruir os sentidos da cultura local que estava inserida e pretendia estudar.

Sem dúvidas, as discussões suscitadas através de tais embates e percalços em minha pesquisa não cabem

nessas poucas linhas. A partir deste breve relato de campo, compartilho uma experiência em que são descritas situações concretas, discursos manifestos e sentimentos expostos a partir de um fazer etnográfico acompanhado de uma tentativa de interpretação de uma pesquisadora que se aventurou a analisar as práticas sexuais de adolescentes presos.

#### Referências bibliográficas

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (2007) *Entre saias justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

PEREIRA, Ingridy S. (2015) *Por trás das grades: Um estudo antropológico sobre adolescentes, privação de liberdade e sexualidade em um centro socioeducativo de João Pessoa/PB*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

ZALUAR, Alba (2009) "Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais". *MANA* 15 (2), 557-584 ■

## ENCONTRO

Este ano é extremamente importante para o Núcleo de Estudantes de Sociologia da Associação Acadêmica de Coimbra (NES/AAC) – é a celebração do seu 20º aniversário!

É tempo de avaliar o passado, olhar o presente e projetar o futuro!

São 20 anos de história e de histórias... 20 anos de amores e desamores, 20 anos de Sociologia.

Foram 20 anos de causas, 20 anos de lutas, 20 anos de atividade, 20 anos a dar voz aos estudantes de Sociologia e em defesa de um Ensino Superior de qualidade.

O associativismo estudantil nem sempre é bem visto, até mesmo pelos estudantes.

Muitas vezes o trabalho dos núcleos é desvalorizado e colocado em segundo plano. Os seus dirigentes são apelidados de tachistas e até de malandros.

O apoio de que dispomos é parco e os níveis de adesão dos diversos actores, é pouco menos que sofrível. É pois necessária muita resiliência para não desistir.

Apesar disso, as muitas pessoas que estiveram no NES/AAC, ao longo destes 20 anos, souberam contornar todas as dificuldades e afirmá-lo na academia e na sociedade!

Recordamos que todos os que contribuíram para consolidar o NES/AAC nos últimos anos, o fizeram

## 20 anos de Núcleo!

**Tiago Magueta**

Núcleo de Estudantes de Sociologia/AAC

abnegadamente, sem receber nada em troca... gastando do seu tempo e muitas vezes do seu dinheiro, sempre por amor à causa – a Sociologia e os seus alunos.

Um núcleo de estudantes é a ligação entre os estudantes e a Faculdade, a ligação entre os estudantes e a Associação Acadêmica. Somos os primeiros a ouvir e a defender os interesses dos estudantes. Ao longo destes 20 anos foi isto que fizemos e bem.

Orgulhamo-nos do passado e estamos a trabalhar no presente para reforçar o nosso posicionamento. São prova disso as inúmeras atividades que temos desenvolvido, que têm merecido o reconhecimento dos mais diversos quadrantes da sociedade.

Queremos que a voz dos estudantes de Sociologia seja ouvida e respeitada, acreditamos que a comunidade estudantil beneficia com o nosso envolvimento. Acreditamos também que o nosso trabalho contribui para a visibilidade da Sociologia.

Obrigado a todos os que, nos últimos 20 anos, ajudaram o NES/AAC a crescer e a consolidar-se.

Nós, os do presente, tudo faremos para honrar o legado que nos foi entregue e para nos orgulharmos do trabalho que entregaremos aos vindouros!

Sociologia, sempre! ■

**Ana María Castro Sánchez**  
Doctoranda en Sociología



Mi interés por el arte y la política me ha llevado por muchos caminos, tanto en la academia como en el activismo feminista, incluidos los años que anduve queriendo ser actriz, cómo no convertir esta pasión en mi tema de tesis. Ahora que mi vida esta más del lado de la academia la pienso como una oportunidad interesante para dedicarme a pensar estos asuntos.

Como lo teórico, aunque con sus propias dificultades es más claro en su quehacer, es la práctica la que me preocupa, por eso propuse realizar una investigación activista feminista. Aquí la pregunta por el cómo resulta crucial porque una investigación no es feminista simplemente porque la investigadora lo es, o porque trabaja con quienes se consideran a si mismas mujeres, o porque asume las propuestas de las epistemologías feministas. Conocemos los diversos debates sobre las metodologías, los métodos y las técnicas que aplicamos en las ciencias sociales, entre ellos - teniendo en cuenta las críticas feministas - debía elegir cómo hacer mi trabajo de campo, que además me permitiera relacionar mis apuestas políticas con el compromiso feminista de una investigación crítica.

No existe un método, ni una epistemología, ni una sola forma de concebir y por lo tanto construir conocimiento feminista, ni es esa la pretensión, la pregunta es ¿qué hace feminista una metodología? y sus implicaciones en la práctica. Por todo ello lo que quería hacer era poder construir conocimientos colectivos, unos que partieran de la experiencia. Las otras preguntas fundamentales tenían que ver con el sentido de la tesis ¿para quién, para qué, con quién, haciendo qué?. Pensé inicialmente en realizar un ejercicio de investigación acción participativa – IAP -, pero rápidamente cambié de idea porque debía ser

honesto que en seis meses no lo lograría, una IAP necesita años y años de trabajo político colectivo.

Fue así como en estas búsquedas de metodologías de investigación feminista me encontré con las Producciones Narrativas, una propuesta que asumí porque esta pensada como una forma de construir conocimiento situado y también respondía a mis inquietudes frente a las relaciones de poder entre investigadora y sujetas/actoras de la investigación y en la construcción de conocimiento, en relación a cómo y desde dónde posicionarme, la preocupación por tomar la palabra de otras, la valoración de diferentes saberes y la construcción teórica de abajo hacia arriba, entre otros aspectos que propone; además no es una receta ni una jaula metodológica, sino que permite ser adaptada a las características de cada investigación y de las personas que en ella participamos.

Regresé a Colombia para hacer este trabajo con artistas feministas y colectivas de activistas feministas que hacen activismo con/por medio/a través/ desde/usando/fusionando las artes con la política. La primera limitación era el tiempo, desafortunadamente no tenía todo el que deseaba pero sobre todo debía conciliarlo con los tiempos de las activistas y las artistas que habían alegremente aceptado hacer parte de esta construcción pero que su vida, sus responsabilidades, todo seguía y había que abrir en medio de todo ello un espacio para encontrarnos, así que no pude tener todo el tiempo que quería para conversar con ellas; este fue el primer reto: tranquilizarme e ir adecuándome a sus tiempos y disponibilidades, lo que significó rearmar las preguntas -que me servían sobre todo para organizar mi propia cabeza-, priorizar y aprovechar al máximo cada encuentro, y así fue, finalmente no en el orden como yo lo había pensado pero terminábamos conversando sobre todo lo que nos interesaba de forma fluida.

Y es que llegas a trabajar con las personas en determinados momentos de sus vidas que no conoces pero influyen, al igual que en situaciones políticas, anímicas y hasta económicas de los procesos de los colectivos que no puedes cambiar o dejar de lado para poder “hacer tu trabajo”, de ello me quedó el aprendizaje de la flexibilidad sin perder la rigurosidad, en eso la metodología fue importante porque no tenía la presión de “aplicar” un método de trabajo cerrado e inamovible. Los tiempos de la academia, el activismo y la producción artística son muy diferentes pero pueden encontrarse sin imponerse, en este caso era yo la que debía estar más dispuesta a moverme.

De otro lado estaba mi preocupación por no ser invasiva, ni de los espacios personales ni de los colectivos, pero no podría simplemente esperar debía

buscar alternativas, algunas incluso sugeridas por ellas mismas; se que aunque quería construir una relación diferente mi lugar como investigadora no cambiaría solo por ese deseo, esto lo permitió el conocer a algunas, hablar de mis incomodidades, el haber compartido espacios de activismo, ir encontrando cosas en común, historias, procesos que no me hacían del todo ajena a ellas, sobre todo la forma de trabajo y la posibilidad de que ellas fueran realmente sujetas-actoras de esta investigación cuyos resultados son de todas y no servirán solo para mi investigación que solo aquí comienza. Estos encuentros también fueron importantes para ellas porque eran la oportunidad de parar un poco en medio de la acción política artística para re-pensarla, valorarla como saber, reflexionar frente a cosas que pasaron o pasaban simplemente, mientras yo iba aprendiendo de todo esto.

Un reto importante es que querer superar las formas tradicionales de construcción de conocimiento que no es fácil para ninguna de las actoras involucradas, algunas veces pensé que hubiera sido mejor enviar un cuestionario y luego trabajar sobre las respuestas, que ponernos de acuerdo para conversar por varias horas, viajar a otra ciudad, que me incumplieran una cita, la cancelaran o la pospusieran, pero no era esa la cuestión porque ante todo era importante el encuentro, el compartir, el conocernos, algunas incluso aunque querían no pudieron participar, otras se recusaron y ni se dieron la oportunidad, las demás fueron muy generosas. Asimismo, en el camino aparecen las cómplices que se juntan para contribuir a pesar y construir desde otros lenguajes, por eso esta travesía también tendrá como resultado un documental.

Es por ello que vale la pena repensar las dificultades que implica un proceso de construcción de conocimiento cuando quieres que sea realmente colectivo y participativo en todo y además feminista, porque implica compromisos de ambos lados, ser cuidadosas con las decisiones, ya que los tiempos de la academia se imponen con fuerza y esto dificulta la necesidad de construir confianzas y respetar los diversos momentos y lugares de cada una; además de la necesidad de mover los esquemas que tenemos ya interiorizados de cómo se hace una investigación desde los diferentes lugares que allí puedes ocupar.

Volví a Portugal con una madeja de colores enredada en mi cabeza como la de "Macramé" un performance de Diana sujeta-actora con la que viví todas estas peripecias. Voy encontrando los puntos por donde desanudarlo, a veces lo estiro más de un lado y el nudo se hace más fuerte, otras veces logro ver cada hilo y así voy sintiendo que de a poco podré tejer narrativas con todos. ■

## DISSERTAÇÕES DE MESTRADO CONCLUÍDAS

- ✓ Jenifer Daniela Fernanda de Jesus, *Corpo Diplomático: PUNK e Modificação Corporal*. Orient.: Paula Abreu
- ✓ José Alberto Martins Ferreira, *A Afirmação Militar da União Europeia - A Arquitetura de Gestão de Crises e a Capacidade de Comando e Controlo*. Orient.: Daniel Marcelino Rodrigues
- ✓ Renata Freitas Cardoso, *Consumo de moda masculina: contributos para a modernização e internacionalização de Portugal*. Orient.: Carlos Fortuna
- ✓ Liliana Filipa Mendes Cunha, *O Primado da Experiência: Histórias de consumo e perspectivas sobre os medicamentos pelos estudantes universitários*. Orient.: João Arriscado Nunes
- ✓ David Firmino Dias Dinis, *A procura e obtenção de emprego para lá da via formal: o papel do capital social*. Orient.: Hermes Costa
- ✓ Bruna Sofia Pinto Virgínio, *Profissões Artísticas. O executante musical enquanto trabalhador*. Orient.: Paula Abreu
- ✓ Miguel André Pereira Jardim de Andrade, *O desenvolvimento da indústria do design corporal, nos últimos 50 anos em Portugal*. Orient.: Carlos Fortuna
- ✓ Dalete Pinela Barbosa N'tchama, *Vidas enredadas: uma abordagem sociológica do impacto das redes de apoio formal/informal nas trajetórias de vida das crianças e jovens institucionalizadas*. Orient.: Sílvia Portugal
- ✓ Daniela Oliveira Duarte Freitas, *A velhice nos lares na perspetiva dos profissionais: um estudo exploratório*. Orient.: Sílvia Portugal

## TESES DE DOUTORAMENTO CONCLUÍDAS

### Sociologia

- ✓ José Pedro Lemos Medeiros Arruda, *A Televisão em Ação. O processo comunicacional mediado como elemento estruturante de mundos coletivos*. Orient.: Paula Abreu

### Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas

- ✓ Ana Isabel Jorge Soares Mantas, *Mobilidades em Espaço Urbano: Representações e Práticas em Torno da Deslocação Pedonal e Velocipédica em Portugal*. Orient.: Carlos Fortuna

### Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

- ✓ Tiago Henrique Marques França, *Deficiência e pobreza no Brasil: a relevância do trabalho da pessoa com deficiência*. Orient.: Sílvia Portugal
- ✓ Rodrigo Ferreira Nery da Silva, *Os sindicatos do setor de serviços e seus discursos e práticas sobre precarização do trabalho e políticas de relações internacionais: um estudo comparado entre Brasil e Portugal no contexto da globalização*. Orient.: Hermes Costa
- ✓ José Borges Soeiro, *A formação do precariado: transformações no trabalho e mobilizações de precários em Portugal*. Orient.: Hermes Costa e Elísio Estanque. ■

# Política económica e desigualdade social: a “falência” do Estado-Social

**Alberto Kapitango Nguluve**

Doutorando em Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdade Social e Sindicalismo

O século XX trouxe uma mudança “radical” no valor do trabalho e na sua relação com a força de trabalho e o capital como elemento estruturador do seu movimento. A mudança decorre da alteração do sistema produtivo e da internacionalização capitalista. O trabalho passou a ser entendido a partir da lógica de funcionamento do mercado. Saímos do trabalho fracionado e da produção em série (taylorista/fordista) para o sistema de trabalho flexível, temporário (toyotista). As lutas sociais da classe trabalhadora, que culminaram com o estabelecimento do Estado-social na Europa, encontram-se hoje num processo paulatino de desmoronamento na medida em que os interesses do capital coincidem cada vez mais com os interesses económicos e políticos, dando lugar ao aparecimento de mecanismos que permitem legitimar a dominação. O debate político e económico envolve, hoje, os interesses das grandes e das pequenas economias, as condições de vida e de trabalho e suscita a questão de saber em que medida se pode ainda falar ou sonhar com a inversão desta lógica que consolida o poder do capital.

Os estudos sociológicos voltados para as relações de trabalho, sobretudo aqueles inspirados no pensamento marxista, continuam batendo na tecla da defesa do Estado-social, lembrando os seus anos gloriosos nas décadas de 60 e 70, quando o Estado se vê hoje firmemente alinhado com o capitalista, e dotado de mecanismos aperfeiçoados que tornam possível a manutenção da precarização social.

Se o capitalista era visto como o explorador, pelo facto de se mover pela busca constante de lucro e o Estado-social era visto como o protector da vida do trabalhador perante o capital e, por isso, como um garante da ordem social, hoje os interesses daqueles que representam o Estado-social coincidem com os interesses dos capitalistas. Esse fenómeno permite perceber que estamos diante de um contexto “novo” de relações de trabalho e de legitimação da dominação. Da fusão dos interesses dominantes resulta a “crise” e, com esta, as desigualdades sociais aumentam e reconfiguram-se. Trata-se, não apenas de desigualdades de ordem regional, étnica, linguística, ou de género, mas também de desigualdades estruturais que resultam das relações de trabalho instituídas. Neste sentido, a propriedade, a educação, o maior ou menor capital social/económico que se

detêm e a profissão (categoria socioprofissional) continuam sendo os principais indicadores de estratificação social, não obstante ser diferente – ou talvez mais aperfeiçoado – o discurso utilizado para definir a condição social desigual (Piketty, 2014).

A desigualdade, como apontam os estudos sobre elitismo (Michels, Mosca, Pareto, Mills), está também ligada ao fato de uma minoria ter boas condições culturais, económicas e, ao mesmo tempo, o controlo dos recursos existentes. Esta minoria, que Standing (2004) chama de «*plutocracia*» – pequeno grupo de “supercidadãos” que detêm uma vasta riqueza – consegue facilmente criar cumplicidades, alianças não escritas, que permitem sua perpetuação na condição de classe dominante. Na sociedade capitalista, “desde o momento em que as taxas de rendibilidade do capital ultrapassam de forma duradoura as taxas de crescimento da produção e do rendimento [...] o capitalismo produz de forma mecânica desigualdades insustentáveis, arbitrárias, voltando a pôr radicalmente em causa os valores meritocráticos nos quais se fundam” aquelas sociedades que têm procurado defender e consolidar valores democráticos como guia da política de governo (Piketty, 2014:16).

Ora, é sabido que as desigualdades sociais não só são inerentes ao sistema de produção capitalista, como também resultam da distribuição desigual dos bens produzidos. Compreende-se então por que é que quando se pensava que o crescimento económico conduziria a um maior equilíbrio social e a menos desigualdades, o que se viu foi o inverso, ou seja, um aumento substancial das desigualdades.

Firmino da Costa aponta três formas principais das desigualdades sociais: as *desigualdades vitais* – “desigualdades perante a vida, morte e a saúde”; as *desigualdades existenciais*; e as *desigualdades de recursos* (Costa, 2012:10). Estas “incluem dimensões como as desigualdades de rendimento e de riqueza, de escolaridade e de qualificação profissional, de competências cognitivas e culturais, de posição hierárquica nas organizações e de acesso a redes sociais” (*idem*11).

Therborn (2006) apresenta como mecanismos de produção da desigualdade o distanciamento, a exclusão, a hierarquização e a exploração, enquanto que Firmino da Costa apresenta, como mecanismos de igualdade a convergência, a inclusão e a compreensão.

Diferente deste último autor, Tilly analisa as desigualdades por categorias que envolvem o gênero, a idade, a raça e a etnicidade, a classe social e o nível educacional, a nacionalidade e a identidade cultural (Tilly, 2005 *op cit*, 2012:12). Estas desigualdades expressam-se de diferentes formas e estão subjacentes na estrutura social, condicionando, em grande parte, as relações que se estabelecem e as políticas sociais que se implementam.

Em suma, a desigualdade social é um assunto complexo que nos leva a pôr em questão a posição do Estado diante das questões sociais, da política económica, dos interesses de classes com influências nas ações de governo. Precisamos de repensar as relações de trabalho, a organização social, o sistema de estratificação e de distribuição dos rendimentos para possibilitar uma mudança que possa conjugar de forma racional os diferentes interesses sociais e um questionamento aprofundado dos critérios “meritocráticos” que se têm mostrado mais como instrumentos da manutenção do *status quo* da classe

dominante do que do *empowerment* dos trabalhadores. Está patente que, à medida que o Estado se envolve numa particular confluência de interesses com o capital, desencadeia-se todo um conjunto de ações que tornam possível a decadência do Estado-social e conseqüentemente, o aumento da desigualdade social e da insegurança laboral.

#### Referências bibliográficas

COSTA, António Firmino da (2012), “Desigualdades globais”, In: Sociologia, Problemas e Práticas, 68, 9-32.

PIKETTY, Thomas (2014), O capital no século XXI, Lisboa: Círculo de Leitores.

STANDING, Guy (2014), O precariado: a nova classe perigosa, Lisboa: Editorial Presença.

THERBORN, Göran, (2006) [Org.], Inequalities of the world, London Verso.

TILLY, Charles (2006), “O acesso desigual ao conhecimento científico”, In: Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v.18, 2, 47-63 ■

## VAIVÉM

## Uma experiência fantástica

### Andreza de Oliveira Smith

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal do Pará/Estágio Internacional no CES.

Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Pará em 2011, cuja concentração é em Direitos Humanos, propus-me produzir uma tese com base nas teorias críticas do Direito utilizando como lente os estudos de gênero. Trabalhando sobre o tráfico de travestis e mulheres transexuais para exploração sexual, eu sentia a necessidade de realizar um estágio internacional junto a um centro de estudos que me possibilitasse aquisição de conhecimentos teóricos e empíricos para a conclusão do meu intento.

Assim, em 2013 contactei o Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado da Universidade de Coimbra. Escolhi o referido Centro em virtude de sua vanguarda na discussão e produção de temas latentes na sociedade atual. Dirigido pelo Professor Boaventura de Sousa Santos, o Centro é composto por professores e pesquisadores imbuídos do interesse de pensar e discutir assuntos considerados novos e polémicos a um nível de excelência académica, mas também com a intuição de produzir impacto na realidade social.

Após os procedimentos burocráticos necessários, fiz o estágio com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior da

CAPES por meio do Programa Doutorado “Sanduíche”, no período de janeiro a julho de 2014. Foi uma experiência maravilhosa, pois fui muito bem acolhida no Centro acostumado com os brasileiros em trânsito, especialmente pela Doutora Ana Cristina Santos, minha co-orientadora.

Particpei de todas as atividades que pude: tertúlias, seminários, aulas e Colóquio Internacional Epistemologias do Sul. Em todos esses momentos tive contato com gente possuidora de pensamentos inovadores que me ajudaram a formar a base reflexiva sobre a qual produzi minha tese.

O estágio internacional junto ao CES foi também a oportunidade de me concentrar nos estudos, o que fiz com o excelente apoio que encontrei na Biblioteca do Centro, tendo produzido sete artigos que estão quase todos publicados, bem como concluído a escrita da tese.

Para finalizar, não posso deixar de fazer uma observação de foro pessoal. Desloquei-me a Coimbra acompanhada do meu marido e do meu filho que na época tinha sete anos. Para eles a experiência também foi fantástica. Viver a cultura local em contato com o povo da cidade criou expectativas de vida diferente da que temos, ampliou horizontes de possibilidades e enriqueceu nossos paradigmas. Voltamos para casa tendo experimentado na prática o que Boaventura de Sousa Santos denomina “trabalho de tradução”. ■

# Mobilização dos portugueses residentes no exterior

Equipa de investigação: **Pedro Góis, José Carlos Marques, João Peixoto e Andreia Barbas.**

Este projeto é apoiado pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM), Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) e reúne investigadores do CES-UC, ISEG – SOCIUS e CICS.NOVA resultando do interesse comum no mapeamento e investigação sobre a diáspora portuguesa contemporânea. O objectivo principal é o de conhecer melhor a diáspora para melhor fomentar um inter-relacionamento entre os portugueses.

A emigração portuguesa, na última década, tem vindo a aumentar substancialmente. Tanto se dirige para tradicionais países de destino como surgem novos destinos, tornando-se, assim, territorialmente mais diversificada e dispersa.

Se olharmos com maior atenção para as características desta nova emigração facilmente compreendemos que a sua maioria situa-se em idade ativa, principalmente entre os 20-40 anos, é mais qualificada que em vagas migratórias anteriores mas continua a existir uma emigração pouco qualificada.

O nosso propósito é o de mapear a diáspora portuguesa e compreender a sua extensão através das modalidades de organização e associação de forma a encontrar interlocutores colectivos com quem encetar projetos futuros. Como se organizam a/os portuguesas/es no exterior? Quais são os motivos que levam a essa associação? Essa união produz algum efeito para Portugal? Existe uma ligação ativa com o país de origem? Quais as razões dessa (in)atividade? O que pode ser feito para revitalizar a ligação entre Portugal e o país de destino? Estas entre outras questões surgem na análise.

De forma a responder a isto, as tarefas que irão acompanhar o desenvolvimento deste projeto são várias, nomeadamente: a) revisão da literatura; b) recolha e análise de dados que permitam conhecer o que tem sido realizado sobre esta temática; c) identificação sistemática das fontes de informação disponíveis (sobretudo *online*) sobre as formas de associação da/os emigrantes portuguesa/es; d) acompanhamento dos atores que desempenham um papel chave na constituição e manutenção destas redes e, desta forma, criar as bases ao desenvolvimento das fases subsequentes do projeto; e) participação regular em eventos promovidos pela diáspora portuguesa ativando uma rede de contatos;

f) criação de uma base de dados interativa que dê conta das associações/instituições nos diversos países, considerando as suas características e construindo uma tipologia com base nestas. Pretende-se ainda teorizar e refletir sobre as modalidades de organização e associação sob o ponto de vista sociológico, considerando as suas especificidades. Simultaneamente, enunciaremos recomendações no sentido de melhorar e intensificar as relações entre a diáspora e Portugal.

Caso tenham um maior interesse sobre o projeto podem sempre contactar a equipa através do seguinte endereço de *e-mail*:

[mapeamentoemigracaoportuguesa@gmail.com](mailto:mapeamentoemigracaoportuguesa@gmail.com) ■



## Algumas imagens entre margens

**Jennifer Simpson dos Santos**  
Doutoranda em Sociologia



Caminhando assim de feira em feira e pelas ruas da Baixa de Coimbra, fui realizando estas fotos. O Mercado Municipal Dom Pedro V, a rua Ferreira Borges, os arredores da estação ferroviária de Coimbra-A, a Feira Sem Regras, que acontece no primeiro sábado de cada mês na praça do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, são os meus sítios do costume. Neles entro em contato com parte daquilo que me é mais próximo e que me faz sentido – artesãs/ãos, feirantes, vendedoras/res ambulantes e artistas de rua. O que me atrai é um conjunto de sons, movimentos, cheiros, paladares, objetos, texturas e gestos que colocam em relação contextos diferentes. Sinto-me atraída sobretudo por práticas que, de algum modo, insinuam uma estratégia de resistência e que corajosamente são postas na fronteira para o debate. Afinal, quem vive na margem não ignora os limites das fronteiras, mas faz deles um uso próprio.■





## Siete cajas: fetiche e consumo

### Felipe Loureiro

Doutorando em Cidades e Culturas Urbanas

O Youtube permite que hoje, em 2016, possamos acessar uma obra que pouco circulou nas salas de cinema. Se a origem dessa película sugere um certo tom exótico, quando se assiste à sua projeção vê-se claramente que se trata de uma obra de arte muito rica. Refiro-me a *Sete Caixas*, um filme paraguaiano dirigido por Juan Carlos Maneglia e Tana Schémbori, lançado comercialmente em 2014, mas produzido e finalizado em 2012. A produção foi comercializada apenas depois de obter sucesso de crítica em diversos festivais de cinema mundo afora.

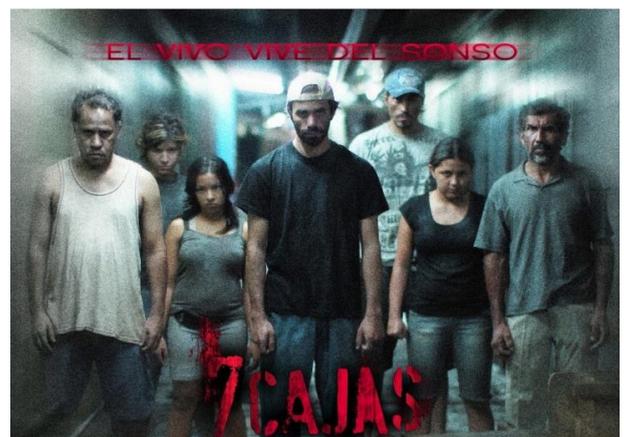
O cenário do filme é o Mercado IV, um grande centro de comércio popular em Assunção, capital do Paraguai. A sua história é profunda e crítica, embora, graças a uma montagem de qualidade, ela aparente um enredo típico de Hollywood. Victor, um jovem carreteiro, vive de “gorjetas” pagas por clientes do mercado. Um certo dia, o contacto casual com um telemóvel moderno pleno de tecnologias, torna este fetiche da mercadoria no desejo obsessivo mas inalcançável deste jovem. Mas um acaso da vida que só o cinema descortina, faz surgir uma proposta de ele carregar sete caixas por cem dólares, mas com a condição de uma das metades em que a nota foi repartida só lhe ser dada ao devolver as caixas.

Victor sabia que havia algo de errado, pois o carregamento devia ter sido dado a outro rapaz que não chegou a horas. Como a polícia estava na frente da loja de onde ele retirou as caixas, a ordem foi a de ele não levar as caixas a nenhum lugar, mas apenas circular até ficar noite e voltar depois ao mesmo lugar. Victor tem então em seu encalço não só a polícia, como o rapaz que queria fazer o carregamento e receber por ele e, além disso, não faz a mínima ideia do que está carregando nas caixas. Depois de muito desespero ele decide abrir as caixas e saber o que há de tão valioso, mas melhor seria não ter aberto pois depara-se com os membros decepados de um cadáver.

O jovem carregador não desiste de sua carga pois ainda há a chance de recuperar a outra parte da nota de cem dólares e conquistar assim o telemóvel de seus sonhos, a despeito da certeza de estar envolvido em um crime e dos riscos que isso acarreta.

Para além da narrativa cinematográfica, o facto de o filme ter sido rodado em dias comuns do mercado e de muitos personagens serem trabalhadores locais, como Victor por exemplo, enriquece o filme. O mercado IV é um lugar famoso pela venda de

produtos falsificados, como roupas, aparelhos eletrónicos e principalmente DVD's de filmes. Porém o filme *Sete Caixas* foi objeto de um acordo entre os comerciantes locais pelo qual não seriam vendidas cópias falsificadas desta obra que dera projeção ao mercado e que, sem o saber, se tornara importante para o ressurgimento do cinema paraguaio. ■



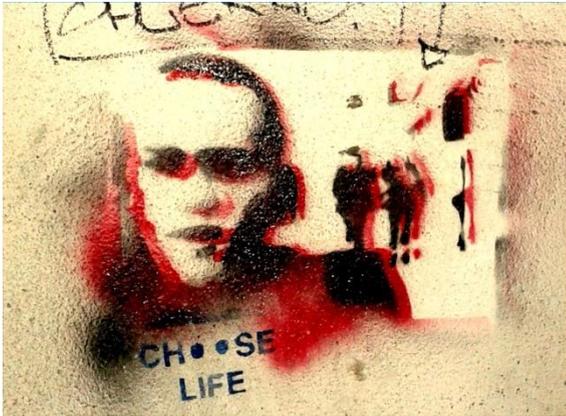
NOVO



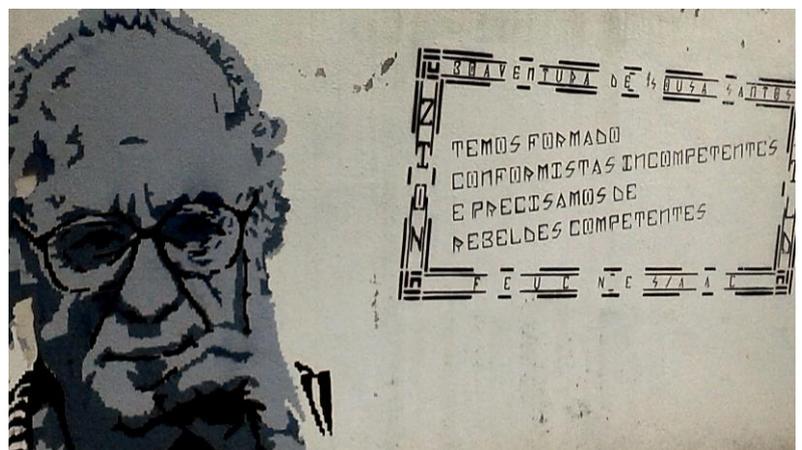
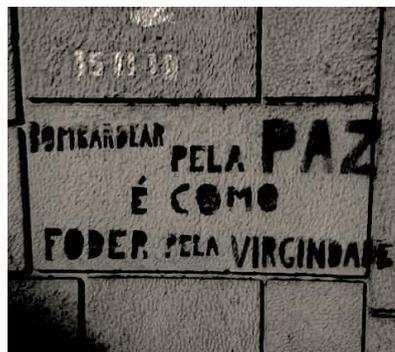
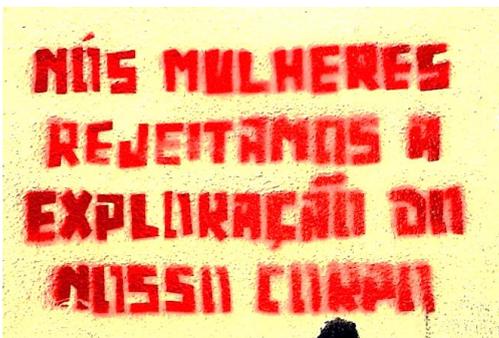
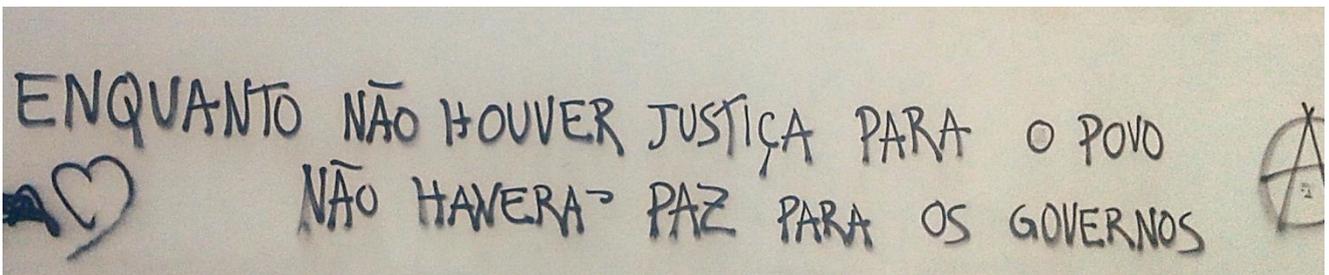
## Mais que um muro, uma expressão do real

**Felipe Loureiro**

Doutorando em Cidades e Culturas Urbanas



A cidade de Coimbra escreve-se em canções e poesias, mas também nos muros e paredes. As tintas da cidadania deixam marcas sensíveis e ao mesmo tempo diretas pelas ruas. O curioso é que está se falando de edificações normalmente utilizadas para proteger a propriedade privada, garantir privacidade e separar o público do privado, sempre visando o benefício do privado. Entretanto, as mensagens apresentadas marcam a resignificação dos muros. As ferramentas de isolamento passam a ser telas para obras de arte de grafiteiros, mas principalmente se tornam uma esfera comunicacional e um espaço de ação política. ■



## As Bibliotecas... encontros inesperados

**Eber Quiñonez**

Doutorando em Sociologia

Entrar numa biblioteca é sempre apaixonante. Deparamo-nos com um mar de livros. O que ver? O que ler? Por onde começar?

Das experiências comumente testemunhadas por muitas pessoas, sobressai a oportunidade que a entrada numa boa biblioteca lhes trouxe de partirem nessa viagem, de encontros e desencontros com livros e autores, de descoberta muitas vezes casual de obras que vão permitir resolver algumas lacunas da nossa argumentação.

Muitos são os testemunhos que descrevem que essas obras aparecem no momento de procura de uma referência secundária. Mas também pode ser decepcionante quando as obras que nos levaram à biblioteca não correspondiam ao que delas se esperava. Muitas horas contínuas de busca, num trabalho minucioso e cansativo e um sentido de profundo isolamento, são as marcas que acompanham igualmente o prazer desta viagem.

Mas não é só nos livros que os encontros inesperados se esgotam. As bibliotecas universitárias são também espaços de contacto com colegas, amigos ou pessoas que trabalham temas próximos ao nosso, em que o cruzamento de informação e experiências alimentam nosso trabalho solitário e vice-versa. Por incrível que pareça, estes encontros inesperados acontecem mais frequentemente sempre que, numa biblioteca de acesso aberto, uma outra pessoa procura algo na mesma estante onde estamos, ou seja, que se interessa pelos mesmos assuntos que nos interessamos. Aí a conversa flui naturalmente e inevitavelmente trocam-se experiências e referências que rapidamente ultrapassam o universo da biblioteca.

Hoje em dia, uma biblioteca universitária distingue-se pela sua capacidade de ajudar e dar resposta às necessidades dos investigadores avançados. Em grande parte essa ajuda é facilitada pelo acesso *online* a uma gama vastíssima de informação que a biblioteca não disponibiliza fisicamente: catálogos, livros de referências, monografias e periódicos, mas também bases de dados de literatura cinzenta, fontes estatísticas e material audiovisual.

Dada a diversidade e complexidade desta informação *online*, uma boa biblioteca tem de manter um serviço personalizado de ajuda aos investigadores para que possam utilizar e tirar o melhor partido do equipamento de acesso, aliviando a tarefa de

consultar os manuais e guias específicos para cada fonte ou base de dados.

A minha experiência de trabalho no serviço de apoio aos investigadores na biblioteca da FEUC e, ao mesmo tempo, de aluno de doutoramento que tem necessidade de fazer um bom uso da biblioteca, tornou-me consciente do quanto se pode fazer (e se faz) para facilitar a vida a um investigador avançado. Apontaria aqui apenas alguns exemplos de ajudas que se têm revelado da maior importância para quem investiga.

Primeiro, a ajuda no acesso e consulta das bases de dados e/ou repositórios de artigos científicos. Nesse sentido, a biblioteca da FEUC oferece todo o apoio, dando informação, orientação e suporte aos investigadores doutorandos – e estudantes em geral – para a melhor utilização das bases de dados acessíveis a partir do *síte* da biblioteca. Este apoio é prestado de maneira individual (presencial e/ou eletrónica), mas também pode ser grupal, em sala de aula e/ou no local de atendimento da biblioteca, quando solicitado. Segundo, apoio nas situações mais difíceis de acesso condicionado sobre o modo como descarregar um documento (artigo, relatório, etc.), de efetuar o seu pagamento ou de obter uma senha de acesso. Embora tais situações estejam fora do âmbito de ação da biblioteca, todos os dias os serviços da Biblioteca oferecem apoio aos investigadores neste sentido. Terceiro, a política de aquisição de fundos documentais por parte da Faculdade constitui uma mais-valia para muitos investigadores, principalmente porque muitos textos são únicos e não existem em outros catálogos bibliográficos, como é o caso do fundo EQUAL de projetos e produtos.

Como já referi, a investigação é um processo longo, que implica muito trabalho e horas de dedicação. No entanto considero que existem alguns riscos de que os investigadores devem estar conscientes e que decorrem da diversidade das fontes de consulta que hoje estão disponíveis. Concluo, dizendo que as bibliotecas são apaixonantes, não tanto por terem um espólio vasto e rico, nem por funcionarem em regime de acesso livre, mas porque sendo elas entes vivos, contribuem de diferentes modos para o avanço na construção do conhecimento, pondo em contacto pessoas e ideias, favorecendo as trocas e estimulando a descoberta. ■

# Vivemos uma democracia de espectadores?!

**Marcelo Pereira**

Doutorando em Sociologia

A imagem de democracia não se reduz a um conceito unívoco, e muito menos a um juízo definitivo. Antes se define como uma ideia de tessitura flexível, percebida sob o espectro de cada época e como experiência histórica, embevecida por cada elemento idiossincrático cultural, político, social e ideológico, o que seduz a essa relativização conceitual, e de onde se revelará, a “sua força e, ao mesmo tempo, sua fraqueza” (Todorov, 2012:193).

Mesmo enevoadada conceitualmente, a democracia traz em sua origem a ideia de liberdade e de participação do povo (*demos*) nas tomadas de decisão. Entretanto, quando se analisa esse aspecto do ideário democrático na atualidade, deparamo-nos com o fato de que o grau de participação efetiva do cidadão nos processos decisórios nas democracias modernas é cada dia mais diminuto, reduzido unicamente ao sufrágio, sendo que, “o sufrágio, que hoje é considerado o fato mais relevante de uma democracia, é o voto dado não para decidir, mas sim para eleger quem deverá decidir” (Bobbio, 2003: 245).

Portanto, vivemos uma democracia de sufrágios ou uma democracia de espectadores, na formulação de Byung-Chul Han (2014), uma vez que, no espírito e no ambiente que anima os regimes democráticos hodiernamente, o poder não mais subjuga, mas seduz, motiva e otimiza as ações humanas, em uma ilusão que, em vez de tornar os homens submissos, os torna dependentes.

Richard Sennett (2006) ao identificar a alma das sociedades contemporâneas, afirma ser ela marcada pela cultura do novo capitalismo, em um cenário forjado pela globalização, de redes interligadas em uma economia global, com a presença das grandes corporações multinacionais, e submetida ao império do capital impaciente.

Byung-Chul Han (2014) define essa sociedade pós-moderna capitalista como *Sociedade da Transparência* e descreve-a como planeada em uma estrutura de informação em velocidade e de exposição em grau superlativo, o que colocaria o homem num ambiente de liberdade aparente, na medida em que a sensação de liberdade fomentada é uma astúcia do próprio sistema, já que na livre concorrência o que de fato é livre é o capital, o qual, para se reproduzir, explora a liberdade do indivíduo.

Em uma paisagem de intensa competitividade, de fluidez incessante de informações e de exposição

continua, a ideia de liberdade passa a ser uma inteligente forma de coação, pois estimula que o próprio indivíduo se explore a si mesmo, para poder alcançar os objetivos propostos de sucesso e de bem-aventurança. Com isso, o capitalismo envolve as pessoas no seu próprio funcionamento, “visto serem necessárias à produção e ao desenvolvimento dos mercados, onde a liberdade de ação e de empreender imbrinca a própria estrutura do capitalismo” (Ferreira, 2014:236).

Portanto, a transparência, uma ordem artificial que rejeita a ambivalência e em que tudo há de ser claro e límpido (Bauman, 1991), e por isso tão aclamada pela contemporaneidade, antes de reafirmar a autonomia do homem em relação aos fatos da vida, retirar-lhe-ia a capacidade cognitiva, com a uniformização de práticas, atitudes e pensamentos, instituindo um “inferno dos iguais” (Han, 2014:12), devido à diminuição da capacidade humana para interagir ativamente com o universo que a cerca.

Nessas condições, portanto, o neoliberalismo descobre a psique como força produtiva e, desse modo (ao contrário do panoptismo de Foucault em que o dispositivo de controle domestica o corpo enquanto parte de uma biopolítica, que engendra a obediência a um sistema de normas), nas sociedades da informação o panoptismo não é mais do corpo, mas sim da alma, não é mais físico, mas sim digital, como uma espécie de psicopanoptismo (Han, 2014).

Por esse motivo, nas democracias de sufrágios submergimo-nos à falsa compreensão de que a democracia se resume ao comparecimento periódico às urnas, para escolha de nossos representantes. Enquanto que nas democracias de espectadores, vivemos uma alienação estimulada, que nos põe na cômoda posição de observadores, diante de um enredo que passa perante a nossa vista, de uma história em que deveríamos ser protagonistas.

A confusão da sociedade civil e do mercado em um único espaço ilude-nos em nome da liberdade, ao mesmo tempo que a ideia de um ambiente livre se torna tentadora, ao encaminhar-nos na percepção de que somos nós os protagonistas das nossas próprias escolhas, e de que a possibilidade de fazê-las, direta e pessoalmente, nos torna ainda mais vivos.

A falta de protagonismo do homem, tolhido em sua autonomia, e na sua capacidade de percepção dos

fatos do mundo, enaltece o que Boaventura de Sousa Santos (1998) batiza de crise do contrato social da modernidade, cuja legitimação se estabelece pela tensão existente entre inclusão e exclusão e, como consequência, verifica-se a perda de sentido e de atitudes proativas na luta pelo bem comum e por alternativas de bem comum.

Esse *status quo* ofende a dignidade democrática, centrada na consciência plena das liberdades humanas, a qual se manifesta não apenas no exercício dos clássicos direitos de liberdade, mas principalmente no estímulo ao desenvolvimento da aptidão natural do ser humano em participar mais ativamente de seu próprio destino, do de toda a coletividade com a qual convive, e do ambiente social e natural em que habita e que nada mais seria senão uma extensão de sua compreensão como pessoa humana.

## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt (1991). *Modernidade e Ambivalência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- BOBBIO, Norberto (2003). *O filósofo e a política: antologia / organização e apresentação José Fernandez Santilán*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- FERREIRA, António Casimiro (2014). *Política e Sociedade: Teoria Social em tempo de austeridade*. Porto: Vida Económica.
- HAN, Byung-Chul (2012). *A Sociedade da Transparência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- HAN, Byung-Chul (2014). *Psicopolítica*. Lisboa: Relógio D'Água.
- SANTOS. Boaventura de Sousa (1998) *Reinventar a democracia*. Lisboa: Gadiva.
- SENNETT, Richard (2006). *A Cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.T
- TEODOROV, Tzvetan (2012). *Os inimigos íntimos da democracia*. São Paulo: Companhia da Letras. ■

## SOCIONET

**Virginia Ferreira**  
Docente de Sociologia

Decidi sugerir hoje um percurso através de uma morada virtual que aloja múltiplos blogs, cada um refletindo diferentes interesses de académicos e académicas, bem assim como de estudantes dos vários programas de pós-graduação do Departamento de Sociologia da Universidade de Minnesota. A missão fundamental destes blogs é fazer “sociologia pública”, mostrando a relevância do conhecimento produzido pela sociologia para as grandes discussões em debate na sociedade de hoje. É mostrar o lado social da política, parafraseando o título de uma das coletâneas que reúne alguns destes textos. Estou a referir-me a *The Society Pages* (TSP) com morada aqui: <https://thesocietypages.org>

Abrigados nestas páginas, encontramos blogs dedicados a variadíssimas áreas temáticas:

**SOCIOLOGIC IMAGES**. Comentários a partir de imagens atrativas e oportunas mostrando toda a amplitude da investigação sociológica.

<https://thesocietypages.org/socimages>

**FEMINIST REFLEXIONS**. Reflexões com lentes sociológicas feministas sobre a vida quotidiana. O título do último de Emir Estrada é bem elucidativo: “Be selfish!: The advice I never received and never imagined giving to my Own Latino Students”.

<https://thesocietypages.org/feminist>

**DISCOVERIES** apresenta pesquisa interessante publicada em revista;

<https://thesocietypages.org/discoveries>

**CYBORGOLGY**. Os media e a tecnologia que habitam o nosso quotidiano em crónicas sobre novas realidades. Como limitação destas páginas, poderemos apontar o tomar como referência a sociedade americana. Frequentemente, porém, os textos ultrapassam o paroquialismo e, então, considero muito interessantes, do ponto de vista de uma sociologia atenta à realidade quotidiana, a missão e os produtos expostos em *The Society Pages*.

<https://thesocietypages.org/cyborgology/2016/02/16/new-media-events>

### THERE'S RESEARCH ON THAT!

(<https://thesocietypages.org/trot>) é um dos blogs mais interessantes, já que estabelece a ligação entre os debates que fazem a agenda da opinião pública e a investigação sociológica que pode trazer contributos para a compreensão dos “casos” em discussão. Um exemplo disso é um texto de 18 de fevereiro p.p., de Miray Phillips, sobre “Rape as Weapon of War”. Partindo das declarações nas Nações Unidas de uma jovem curda, da comunidade religiosa Yezidi, sobre a sua experiência como escrava sexual do Estado Islâmico, relembra vários estudos recentes que se têm debruçado sobre a violação enquanto arma de guerra. Esses estudos são importantes para percebermos as dinâmicas de poder que envolvem vítimas e perpetradores. Dos que estão disponíveis on-line, são-nos fornecidos os respetivos links. Por exemplo: John Hagan, Wenona Rymond-Richmond, and Alberto Palloni. 2009. “Racial Targeting of Sexual Violence in Darfur,” *American Journal of Public Health*. 99(8): 1386-92.

<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2707480> ■

# O passado da sociologia como caminho para superar o seu presente

João Aldeia

Doutorando em Sociologia

A história da sociologia é feita de ensaios e etnografias e não de inquéritos, fórmulas ou contas (nem mesmo de entrevistas). A inflexão quantitativista na sociologia ganha terreno, no século XX, com diversas escolas continentais e, sobretudo, anglo-saxónicas. Mas, mesmo na primeira metade do século XX, a investigação etnográfica e o ensaio permanecem formas de produção de saber essenciais na disciplina. Pensando na Escola de Chicago, na Etnometodologia, ou no trabalho de Elias, para não recuar mais no tempo e falar de Weber ou de Simmel, torna-se inegável um método assente de modo privilegiado na observação directa dos campos de investigação, na pesquisa de arquivo e/ou no ensaio.

Os trabalhos mais relevantes da disciplina são todos, sem excepção, realizados por uma ou mais destas três estratégias metodológicas. Nenhuma pesquisa quantitativa nos dá tanta informação sobre a interacção quanto Goffman, elucida o funcionamento organizacional melhor do que Michels, nos diz tanto sobre a modificação histórica dos comportamentos humanos quanto Elias ou permite compreender melhor a relação norma/desvio do que Becker.

A estatística, com a sua pretensão à universalidade, esfuma-se e desfaz-se, perde interesse heurístico, deixa de nos informar sobre a realidade. As boas etnografias e os bons ensaios, atentando nos contextos, são intemporais – mesmo que as realidades sobre as quais foram produzidas já não existam. A etnografia e o ensaio retêm pistas e sensibilidades que continuam a informar-nos décadas ou séculos depois da sua realização. Continuam a ser úteis quando olhamos para campos bem distintos daqueles a que se reportam, dirigindo o nosso olhar para fenómenos relevantes.

Não se trata, de todo, de desvalorizar inteiramente a quantificação. Mas duas precisões reflexivas impõem-se. Por um lado, é necessário contestar a pretensão à dominação metodológica do positivismo (que não se esgota na estatística, orientando também uma parte considerável da investigação qualitativa). Por outro lado, é fundamental reter a precisão de Elias (*et al.*) de que a significação estatística e a significação sociológica são coisas distintas.

Não está meramente em causa uma oposição qualitativo/quantitativo. O problema vai bastante para além disto. O que importa desmontar é a crença na superioridade de um certo tipo de saber,

supostamente objetivo, universal e generalizável, enfim, supostamente científico. Da tensão permanente, em que a sociologia se encontra desde sempre, entre nomotético e idiográfico, universal e particular, científico e não-científico, o segundo pólo acabou por sair perdedor. A validação colectiva (dentro e fora da Academia) de um certo tipo de conhecimento de matriz positivista foi feita à custa da desvalorização de todos os outros tipos de saber, que foram totalmente invalidados ou reduzidos a um lugar secundário, de suporte, daquilo que é percebido como verdadeiramente científico. Mas isto levou a que, no movimento pelo qual se impôs progressivamente o positivismo, a própria investigação qualitativa tenha sido colonizada (e tenha ansiado por ser colonizada) pela forma quantitativa de estudar o mundo, levando a que a primeira tenha procurado mimetizar os procedimentos de execução e de validação, bem como a linguagem, da quantificação.

Neste processo de adaptação-para-validação-como-ciência perdeu-se flexibilidade da prática da investigação, perdeu-se atenção às pequenas coisas, perdeu-se profundidade, perdeu-se, enfim, relevância. O valor próprio da investigação qualitativa desapareceu.

Para o recuperar, é crucial afastarmo-nos criticamente do fetichismo da técnica que, no limite, esvazia a sociologia de conteúdos relevantes sobre e para o mundo e se reduz a preocupações com a forma (é científico ou não? É representativo? Posso generalizar? Quantas pessoas tenho de entrevistar? Posso declarar as minhas posições valorativas na investigação, quer no contexto de produção quer no de justificação?). Os estudos que nos marcam enquanto disciplina, aliás, os estudos que nos agregam, que nos formam, como comunidade disciplinar, foram, em grande medida, feitos em função de preferências, intuições, disponibilidades, vontades pessoais dos investigadores, indo para o terreno, passando aí tempo, contactando com os actores, e/ou pensando na solidão, lendo, escrevendo, riscando, voltando a pensar, voltando a escrever. Importava fazer mais do que como fazer. E, deste modo, produzindo-se, sem dúvida, muita informação desinteressante. Mas produzia-se também conhecimento importante para a disciplina, para a compreensão do mundo. Importante para o mundo. Produzia-se saber relevante. Escreviam-se coisas, com mais ou menos falhas, com problemas

mais ou menos graves, que, não permitiam ao leitor, após acabar a leitura, encolher os ombros e desconsiderar o que acabara de ler. Coisas que faziam pensar. Textos em que se pensava. Textos com os quais ainda hoje pensamos. Que nos ajudam e fazem crescer.

Não significa isto que o método é para descartar. Significa sim que é para ser pensado. Para ser criticado. Para ser forçado, moldado, pervertido, feito gemer. Significa que precisamos de métodos diferentes para pensar o mundo, de métodos que se mexam quando o mundo se mexe. Que permitam dar conta da ambivalência, da fluidez,

da subjectividade, da sensibilidade, do irracional (que é só uma outra racionalidade, desconsiderada). Precisamos de métodos que se adaptem aos contextos estudados e que não procurem adaptar os contextos a si mesmos, às suas premissas, aos seus não-ditos. Métodos que sejam capazes de produzir pesquisas relevantes. Que produzam investigações ameaçadoras, que coloquem em causa o mundo – ou pelo menos certas formas de o ler e fazer. Para começar este percurso podemos olhar para trás, para a nossa história disciplinar feita de ensaios e etnografias. ■

## Ganhar a vida

### Bolsas de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia: como planear a candidatura?

**Joana Zózimo**

Doutoranda de Sociologia

À primeira vista, a candidatura a uma bolsa de doutoramento da FCT pode parecer um exercício apenas burocrático e formal. É verdade que a lista de certificados a entregar é extensa, mas além dessa é necessário produzir um projeto de doutoramento sólido, coerente e consistente. Todas estas preocupações resultam num planeamento que deve ser delineado quanto antes, assente em 5 momentos mais ou menos sequenciais, que desenvolverei adiante: (i) escolha do tema de investigação; (ii) escolha de quem nos orientará; (iii) escolha das instituições de ensino e de acolhimento; (iv) redação do projeto; (v) recolha dos documentos necessários. Este processo é um diálogo com a FCT e o lema principal é assegurar que cada item da candidatura está forte e pode obter nota máxima.

O 1º e 2º momentos estão diretamente relacionados: dificilmente se conseguirá escolher um/a bom/boa orientador/a sem saber ao certo em que área precisaremos de orientação. A escolha de um bom tema assenta não só na preferência pessoal mas também nas lacunas de investigação da disciplina em que nos situamos. De seguida, não é de negligenciar a procura por uma boa orientação.

Esta não consiste necessariamente em escolher o académico mais destacado na área, mas alguém que, tendo suficiente experiência no campo académico e empírico, tenha a disponibilidade para nos acompanhar na corrida de fundo que é um doutoramento.

Este é um equilíbrio por vezes difícil de encontrar, mas que pode ser conseguido com a seleção de 2, ou até 3 orientadores. Neste ponto, a possibilidade de ter um orientador estrangeiro, com quem publicar em co-autoria, dará uma maior certeza à FCT da tão valorizada internacionalização durante o doutoramento. Em 3º lugar, a escolha das instituições dependerá da pertença institucional dos/das orientadores/as e aqui a escolha deve ter também um quê de estratégico. Na dúvida, seguir o lema referido anteriormente: a avaliação do Centro de investigação e do CV dos/as orientadores/as deverão ser de modo a obter-se nota máxima nesses itens. Chegando ao projeto, este deve ser preparado com a maior antecedência e em conjunto com os orientadores. O 1º passo é procurar projetos-modelo que tenham sido financiados e a partir daí estruturar uma proposta que acima de tudo deixe poucas perguntas por responder. O que vai ser feito, porquê, como e quando, são conteúdos incontornáveis. Por fim, o 5º momento assenta fulcralmente no mérito do candidato. Assim, devemos devotar tempo ao nosso CV. Neste, as publicações não devem faltar, além da experiência de investigação e, se possível, a de docência – embora esta última não seja indispensável. Um coadjuvante, que deve não ser negligenciado e pedido atempadamente, são as cartas de recomendação. Estas reforçam a consistência do nosso perfil, ainda que o CV deva falar por si. Resumindo, o sucesso desta candidatura depende de planeamento, boa orientação, opções estratégicas claras e da consistência da proposta apresentada. Bom trabalho e boa sorte! ■

## Temas clássicos e temas emergentes nos estudos sociais do direito

Tiago Ribeiro

Doutorando em Sociologia

É comum fazer-se do direito e da justiça um pano de fundo, um cenário legal e institucional que recebe, procura e regula domínios da realidade consideráveis sociologicamente relevantes ou promissores. Exercício antigo, porém mais raro, é fazer do direito e da justiça o próprio objecto de interrogação e problematização privilegiado por uma investigação empírica e por uma teorização social que o converte em dispositivo gerador, mediador e/ou testemunhal de um tempo e de um modo de *produzir* sociedade.

Embora as fronteiras entre ambos os exercícios sejam ténues e negociáveis, esta última aproximação intelectual ao campo jurídico constitui aquilo que singulariza a sociologia do direito e da justiça como ramo subdisciplinar merecedor de espaço autónomo no mundo académico.

A realização do primeiro Encontro da Secção de Sociologia do Direito e da Justiça da Associação Portuguesa de Sociologia, que decorreu a 8 e 9 de Janeiro e que, não por acaso, teve lugar na FEUC, veio reconhecer e inscrever institucionalmente uma matriz subdisciplinar que, desde há largos anos, vem acumulando corpo no meio académico português.

Esse processo contínuo e progressivo não decorreu sem as contingências conceptuais que, invariavelmente, vêm por atacado: é que a vocação fronteiriça da sociologia do direito e da justiça não é, como provavelmente nada é, nem assunto fácil, nem assunto puro. Não é assunto fácil porque o campo jurídico foi historicamente fechado por um monopólio epistémico (ciência jurídica) e normativo (administração da justiça) que não só tornou *deslocada*, *peregrina* e *outsider* qualquer outra incursão crítica sobre o direito, como a subordinou ao seu ascendente hierárquico na academia. E não é assunto puro porque, apesar de a sociologia do direito e da justiça viver o risco de absorção inconsciente ou acrítica dos nexos e das categorias constitutivos da disciplina jurídica, tomando as fontes de direito como conteúdos auto-evidentes ou auto-explicativos, o certo é que o desfasamento disciplinar entre o direito e a sociologia nem sempre é mais problemático do que o desfasamento epistemológico que existe tanto entre essas disciplinas (no limite, fictícias), como no interior de cada uma delas.

Esta preocupação com o comando epistemológico impresso à investigação sociojurídica foi, desde logo, o centro temático da conferência proferida por Boaventura de Sousa Santos, a quem coube a

inauguração científica do Encontro. Numa revisitação de *Pode o direito ser emancipatório?*, procurou explicitar o que é velho e o que é novo nos termos em que o direito, enquanto instrumento de normalização capitalista, colonial e patriarcal, pode ser utilizado com a aspiração – contranatura, paradoxal – de oferecer resistência a esses mesmos processos capitalistas, coloniais e patriarcais.

Algumas das dimensões analíticas focadas na conferência inaugural encontraram eco nas cerca de 70 comunicações apresentadas, que se distribuíram pelas 20 sessões paralelas que decorreram no primeiro e segundo dias do Encontro. Envolveram temas clássicos e temas emergentes no quadro dos estudos sociais do direito, podendo destacar-se, entre outras, áreas de pesquisa como o acesso ao direito e à justiça, a (re)produção académica dos saberes jurídicos, a (re)produção profissional dos agentes de justiça, ou o governo jurídico-judiciário do trabalho, da infância, do desvio, da diferença, da sexualidade, da nação, entre vários outros sistemas de pertença, fractura e exclusão.

A ocasião serviu também de plataforma para o lançamento e apresentação de dois livros: *Os tribunais como espaços de reconhecimento, funcionalidade e de acesso à Justiça*, da autoria de Patrícia Branco, e *Do crime e do castigo: temas e debates contemporâneos*, coordenado por Manuela Ivone da Cunha. Contando com a presença de Adam Czarnta, director científico do Instituto Internacional de Sociologia do Direito (Oñati) e responsável pela conferência final, e de Pierre Guibentif, a quem coube a apresentação científica do Encontro, foi também prestada homenagem *in memoriam* a André-Jean Arnaud, cujos legado teórico e papel afirmativo da sociologia do direito no panorama europeu e internacional foram devidamente lembrados. ■



## On/Off: Navegando pelas culturas digitais, tecnologia e conhecimento

**Pedro Almeida Martins**

Doutorando em Sociologia

No passado dia 26 de Novembro realizou-se no espaço da nossa Faculdade um Encontro Temático organizado pelas da Secções Arte, Cultura e Comunicação e Conhecimento, Ciência e Tecnologia, da APS e o Centro de Estudos Sociais, dedicado às culturas digitais, cartografado como duplo espaço de diálogo científico e social. Como estudante do 3º Ciclo Universitário, em Sociologia, revejo-me numa posição semelhantemente esboçada por Lyotard como *destinatário da transmissão de saberes*. Corro e exploro, nas dinâmicas propulsionadas pelo campo científico, encontros, seminários e congressos; onde participam especialistas e pessoas tributárias aos mais altos graus académicos, detentoras de experiência científica; currículos de excelência pertencentes a agentes legítimos para a consagração e debate de ideias, saberes e conhecimentos.

O retorno deste percurso e procura *flaubertiana* é complexo. Pressupõe, em certa medida, auto-determinação e reconhecimento, para pensarmos a realidade em que nós, no conhecimento prudente, damos a existir. É nestes encontros científicos, navegando pelos corredores empíricos da pluralidade paradigmática, deontologicamente definida pela Associação Portuguesa de Sociologia, que oriento as tonalidades da paisagem, do *largo horizonte* apontado por Walter Benjamin e que nos dá a existir, na qualidade de sujeito e objeto da investigação empírica e social.

“On/Off: Navegando pelas culturas digitais, tecnologia e conhecimento”, atribuído como nome para designar o encontro de especialistas e pesquisas científicas, empiricamente orientadas para o estudo das práticas artísticas, culturais e comunicacionais da criação, produção, circulação, partilha e receção, na sociedade portuguesa contemporânea.

Tais investigações apresentadas publicamente à comunidade científica permitiram aos destinatários navegar entre tonalidades do debate sociológico e interdisciplinar, esboçando uma paisagem cultural digital. A questão de partida, lembrando o embrionário tempo de aprendizagem, aponta para uma interrogação dos fenómenos sociais na sua imanência.

Por outras palavras, situarmos na raiz social dos processos de significação, as implicações éticas e estéticas envolvidas na tecnologia das práticas artísticas e culturais.

A *refotografia da cultura* impressa por especialistas de saberes culturais e tecnológicos coloca em evidência uma paisagem calibrada nas *mediações* digitais, onde a tonalidade tecnológica é intermediária da experiência cultural e social. Vemos hoje a presença destas mediações na esfera pública. Sobretudo, na presença de formas gerativas de mobilização crítica, criativa e artística: por um lado, a participação ativista em lutas sociais; por outro, a participação no campo artístico da produção cultural. Sublinho aqui o testemunho das mediações digitais exploradas na formação de processos de significação, apresentados por Paula Guerra e Rodrigo Saturnino. Trata-se de um testemunho que valida o encontro entre as forças gerativas na configuração de um sub-campo de produção cultural perplexo, onde a tecnologia, ativismo e cultura, reforçam a produção de representações visuais, ética e esteticamente combinadas. Da música ao cinema, do *punk* ao *queer*, dos modos e estilos de vida a estéticas corporais, a experiência cultural e social é hoje também tecnológica.

Este reconhecimento situa os meus interesses doutorais para pensar na tecnologia das representações sociais enquanto ferramenta de visibilidade e tradução de novas formas, configurações e *literalizações* da paisagem cultural. Parto do cinema *queer*, esse mundo tecnológico, ativista, cultural, corporal, das valências afetivas do desejo, no desenho de uma paisagem situada entre a utopia e a distopia cinematográfica. Mas as questões permanecem: Como pensamos a tecnologia, na dignificação das condições ontológicas de existência? Como devemos explorar as dinâmicas do campo da cultura, criadas tecnologicamente? ■



## Partilha de experiências, rede cúmplice do teatro

Janina Suárez-Pinzón  
Doutoranda em Sociologia

Ciudadanas/os, estudiantes, *amateurs*, actrices y actores se unen una vez por mes para compartir públicamente la lectura de una obra teatral. Este grupo se consolida aleatoriamente, tras una inscripción y tres ensayos que determinan el protocolo de esta iniciativa, de entrada libre, que nació en octubre 2015, liderada por el Teatro Académico Gil Vicente (TAGV) y el Grupo de Teatro de Coimbra *Escola da Noite*.

¿Qué moviliza a un grupo indeterminado de personas a integrar el llamado *Clube de Leitura Teatral*, en Coimbra? La respuesta podría centrarse en el deseo de intercambio de cadencias, de sensaciones, de ser parte de una red para el aprendizaje de obras de autores contemporáneos que escriben sobre clásicos, en la escena europea, en la oportunidad de satisfacer la curiosidad de cómo es la “cocina” del teatro o lo que más bien correspondería a la creación artística, los modos, los juegos, las improvisaciones que se despiertan en la lectura e interpretación de un libreto. Al momento se ha trabajado con los textos *Comunidade*, de Luiz Pacheco (Lisboa, 1925-Montijo, 2008), *Máquina Tchékhev*, de Matéi Visniec (Rădăuți, 1956), *Horácio*, de Heiner Müller (Eppendorf, 1929-Berlin, 1995), *(Tio) Vânia* de Howard Barker (Londres, 1946), y *O Ano de Ricardo* de Angélica Liddell (Figueras, 1966).

Este club produce un esbozo en crudo de una *lectura encenada* que puede tener como sede el palco del TAGV o del Teatro da Cerca de São Bernardo (TCSB). Dicho esbozo, liderado por un coordinador, sería la resulta de una experimentación de los participantes del club, los que generan un semi-montado muy particular sobre los textos que se han determinado en cada sesión. En las sesiones preparatorias, el grupo espontáneamente genera elementos diversos para que el *encenador* de forma y ritmo al discurso final. En la semántica de las entrelíneas se estimulan los contextos y dispositivos que dieron vida a una determinada dramaturgia de mano de António Augusto Barros, Ricardo Correia, y de directores portugueses que serán invitados para coordinar lecturas como es el caso de Sara Carinhas (Lisboa, 1987) o de Nuno M. Cardoso (Porto, 1973) quien llevó a cabo lecturas en el *Teatro Nacional São João* (TNSJ), en Porto.

El surgimiento de un club de este tipo no es casual, ha habido otras instituciones que en la ciudad lo ejecutaron, como fueron *O Teatrão* y *Casa da Esquina* denominadas *Leituras Caseras* allí la idea era reunir al

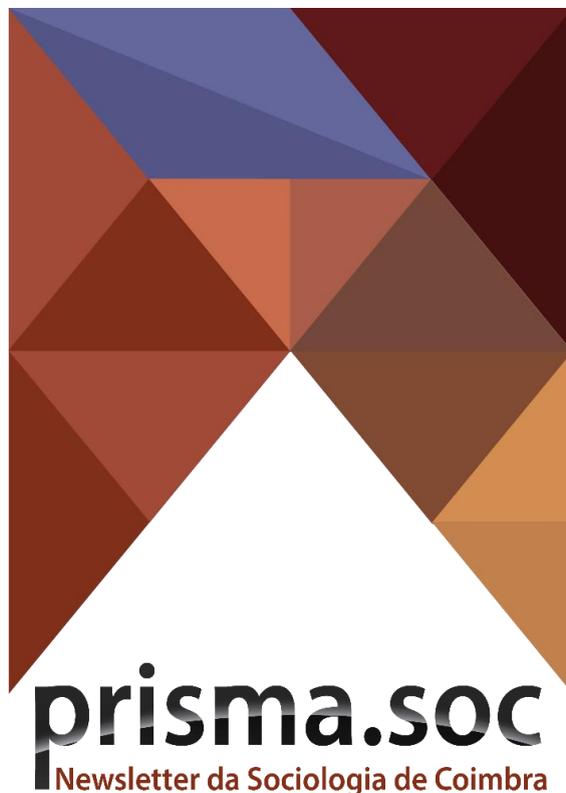
público alrededor de una mesa para charlar con el autor de la obra, y así discutir, conocer el texto, las motivaciones contextuales.

Al respecto cabe mencionar la trayectoria en el TNSJ. Nuno M Cardoso detalla sobre la aventura de decir y discutir palabras en un debate heterodoxo de interrogaciones y desvíos donde emerge una comunidad que tiende a crecer y multiplicarse, en un regimen de absoluto voluntariado. *“Eis a nova fórmula: 3x3x3. Acontece na terceira terça-feira de cada mês, dedicando todo um trimestre a um dramaturgo, procurando aprofundar os seus argumentos, inquietações, propósitos. O modelo das sessões permanece intacto - leitura informal, em voz alta, livremente partilhada por aqueles que nela queiram tomar parte e acompanhada por criadores e tradutores que tenham trabalhado a obra –, mas cada trimestre culmina agora na edição de um texto – inédito em Portugal – do autor em destaque”*.

¿Cómo es que aquellos que ya tienen la formación actoral y que participan del club ven a los otros y a la iniciativa en sí? Sara Jobard, doutoranda em Estudos Contemporâneos, refiere: *“Os ensaios não são acordados e nem sempre todas as pessoas podem ir às sessões preparatórias o que dificulta ao encenador porque tem que fazer muitas escolhas em pouco tempo”*. Por su parte, Igor Lebreaud, actor de Escola da Noite, menciona: *“Eu como ator estou incentivado; pessoalmente a mim interessa-me porque o teatro tem uma origem democrática de troca comunitária, de troca de ideias, de pensamento, de debate cívico e acho que um clube de leitura ajuda em nisso”*.

En definitiva, la aproximación a textos teatrales es concebida desde la libertad y apertura de pensamientos y un compromiso tácito para mantener un hábito, una práctica colectiva, que de a poco va seduciendo nuevos públicos, un nicho con especial afinidad por integrar procesos creativos sin inhibiciones. ■





#### **Contactos**

Email: [newsoc@fe.uc.pt](mailto:newsoc@fe.uc.pt)

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal

#### **Orientações para publicação:**

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: [newsoc@fe.uc.pt](mailto:newsoc@fe.uc.pt).

Outras informações poderão ser consultadas em: <http://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/prisma.soc>